

MARGOT DIA

Gênero de Estudos de
Antropologia Cultural

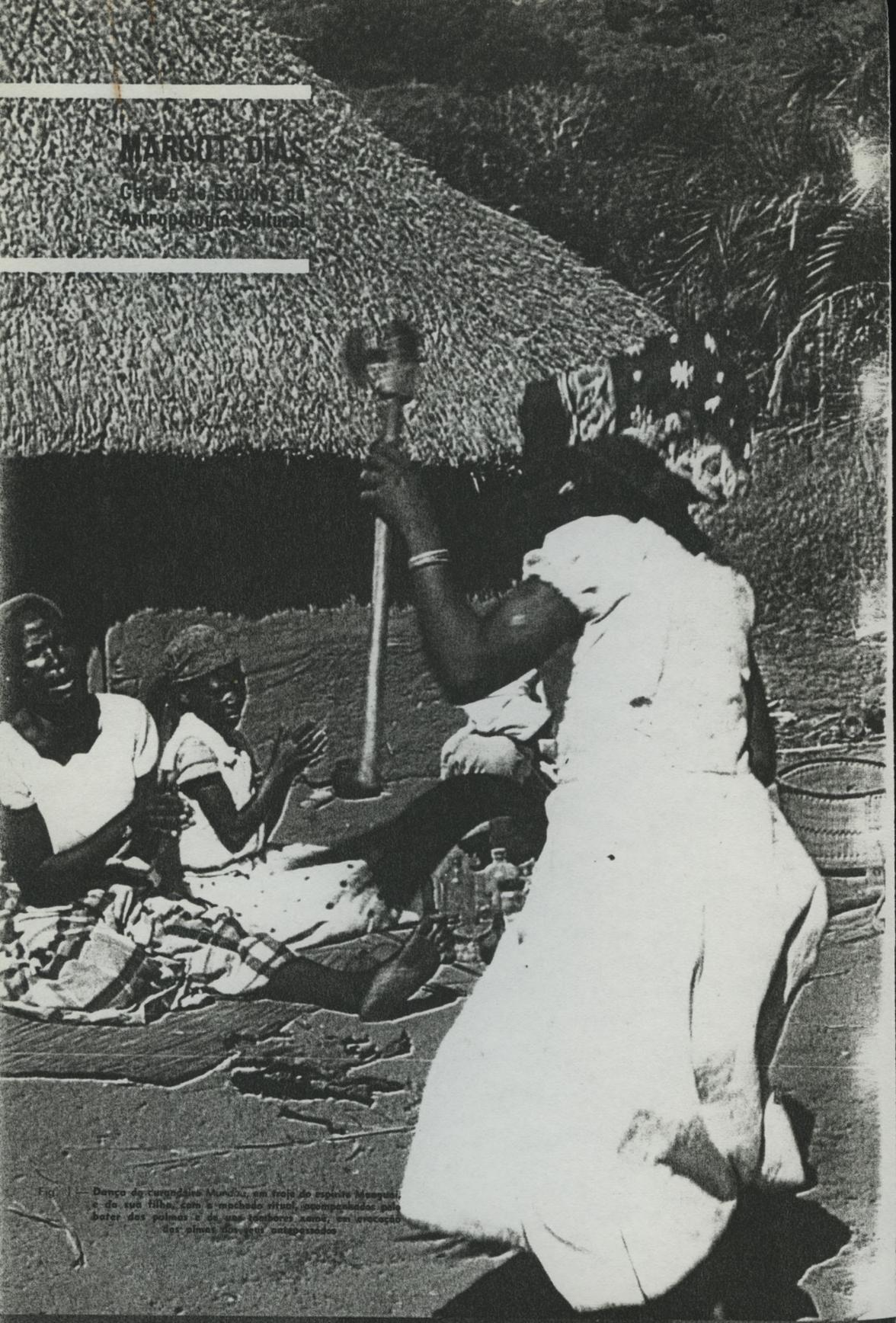
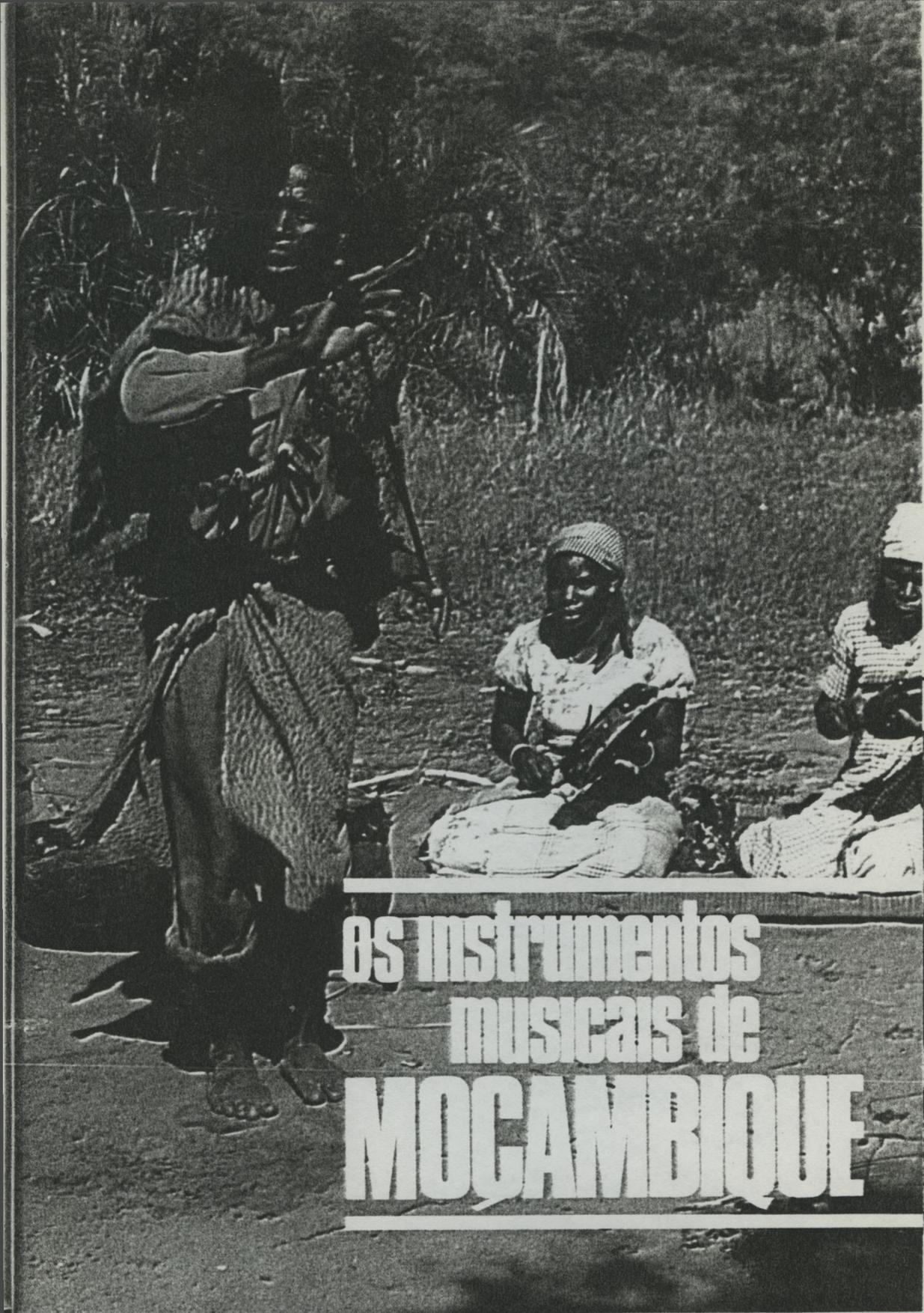


Fig. 1 — Danço de curandais Mundu, em frente do espírito Manguai, e da sua filha, com o amcheado ritual, acompanhado pelo bater das palmas e de uns tambores xama; em evocação das almas dos seus antepassados.



Os instrumentos
musicais de
MOCAMBIQUE

Dias, Pargot
"Os instrumentos musicais de Moçambique",
in *Geographica*, revista da S. G. L., Ano II, n.º 6,
pp. 2-17.
Lisboa, 1966

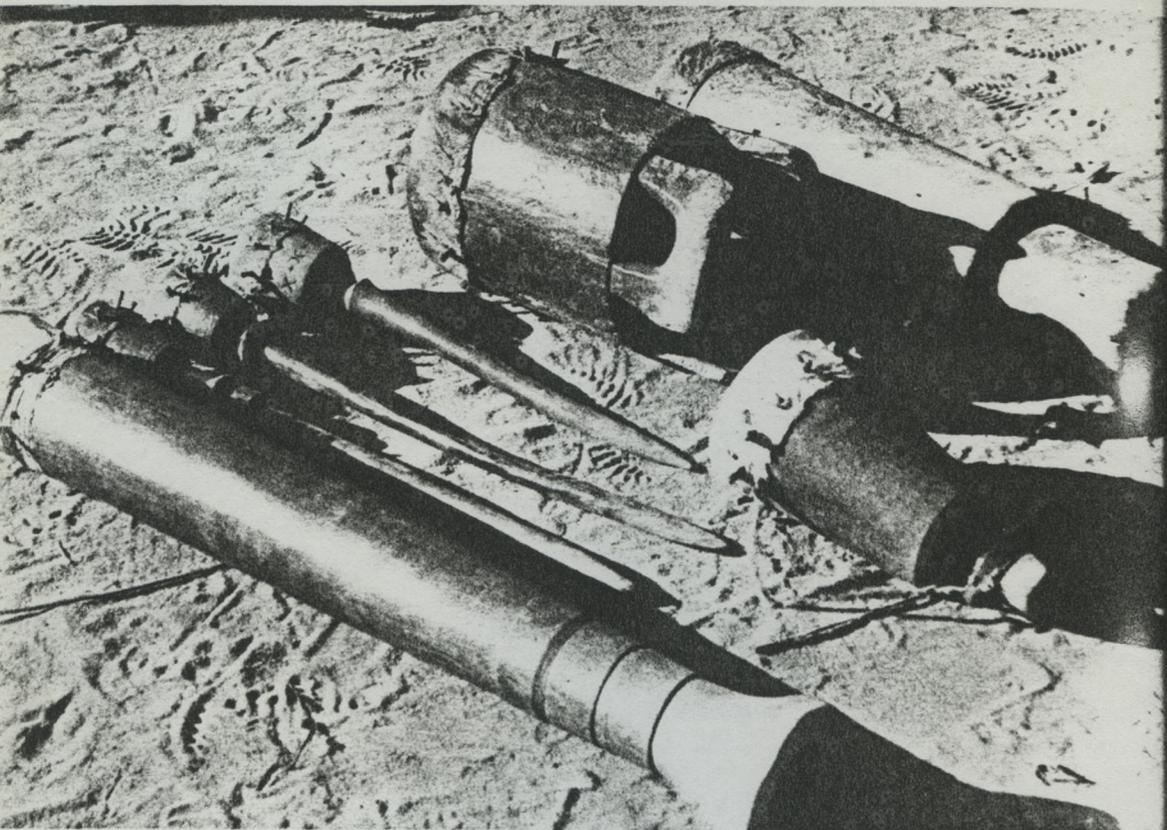


Fig. 2 — Os principais tipos de tambores dos Macondés
(Amarelamento cedido pela expedição Kutak Hageres)

Como primeiro instrumento originário do homem podemos considerar a voz, instrumento melódico, e o bater das palmas e dos pés, instrumento rítmico (fig. 1). Estes instrumentos nunca deixaram de servir e encontramos-os em muitas sociedades. Além disso, desenvolveram-se, através de milénios, instrumentos musicais mais ou menos bem elaborados com os materiais que o ambiente natural fornece, e conforme o grau da evolução técnica dos diferentes povos. As influências de outras culturas são aproveitadas e os instrumentos difundidos sofrem transformações dependentes das possibilidades e condições locais. Alguns dos instrumentos testemunham, portanto, relações com outros continentes e servem como elementos culturais que podem ajudar a reconstruir partes da história que se perdem na escuridão dos tempos indocumentados.

Não cabe nos limites deste artigo falar da música executada nestes instrumentos, nem das suas funções, que abrangem o reforço emocional dos actos cerimoniais ou espirituais, assim como o divertimento. Ambos são acontecimentos muito centrais na vida tribal africana. A margem, só queremos lembrar que alguns dos instrumentos foram construídos e sagrados com sacrifícios mágicos, secretos, que no caso dos tambores chegaram até a sacrifícios humanos.

Mas isso levar-nos-ia longe de mais. Vamos dar neste artigo somente um apanhado muito resumido sobre os instrumentos musicais, do ponto de vista morfológico, que os povos de Moçambique (fora das zonas de influência europeia) usaram, e ainda hoje usam.

Do mesmo modo que na maioria dos povos africanos, também aqui o tambor, principalmente o *tambor membranofónico*, domina a vida musical. De *tambores idiofónicos* (tambores de madeira), que são muito típi-

cos em grandes partes da África ocidental e usados como telégrafo rápido para grandes distâncias, não temos nenhuma notícia em Moçambique.

As formas mais frequentes dos tambores unimembranofónicos são formas cilíndricas, formas de almofariz e formas de cálice. No Norte (Macondes) existe também um tambor pequeno de espigão (figs. 2 e 3) e em alguns povos do grupo chona-caranga (por exemplo: Chopes, Valengues e povos da Zambézia) podem encontrar-se tambores mais ou menos semiesferóides e ovalóides, no género dos *atabales*, que Frei João dos Santos já no século XVI observou (fig. 4).

Tambores *bimembranofónicos* são relativamente raros, mas encontram-se. Conhecemos exemplos dos Tsongas, Suasis, Ndaus e Changanes na zona sul, e de vários povos da Zambézia (Lomué, Chirima, Nianja, Ajaua) e, sem indicação étnica, da região de Milange, Chire e Quelimane. Destes últimos mostramos um exemplar especialmente bonito, que é designado «bataque de guerra» e foi oferecido ao Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa pelo comandante da expedição contra os régulos Mataka e Quamba, em 1899 (66 cm de altura e 38 cm de diâmetro, com a superfície bastante trabalhada) (fig. 5).

Ainda mais raros são os *tambores de fricção (sarroncas)*. Como são usados geralmente só na ocasião dos ritos de puberdade (maconde, macua?, e também no Sul?) não chegaram a atrair a atenção dos restantes leigos, que raramente assistiram a estas cerimónias secretas.

Tambores xamã, unimembranofónicos, de caixilho redondo e baixo (quase tipo pandeiro), existem nas regiões dos Tsongas e Ndaus e são também ali relacionados com o exorcismo, que entre eles tem muita importância (ver fig. 1).

Excluindo instrumentos de princípios compostos, não se conhecem outros instrumentos membranofónicos.

O grupo dos *idiofones* é ricamente representado, através de toda a provincia, principalmente pelos chamados *idiofones por sacudimento* de todas as espécies (maracas, soalhas, chocalhos e guizos). Encontram-se em todos os povos, na forma de cabaças (ver

capa) ou outros frutos do mato escavados (fig. 6), casulos (fig. 7) ou recipientes feitos de entrançado (fig. 8); pedrinhas, sementes ou areia são metidos dentro dos instrumentos, que, sacudidos ritmicamente, provocam ruídos.

Porém, os instrumentos musicalmente mais evoluídos do grupo dos idiofones são os xilofone (idiofone de percussão), e o *mbira* — ou *sansa* — um lamelofone dedilhado (*idiofone dedilhado*).

Em relação aos diferentes tipos de xilofone em Moçambique, todos de madeira, distinguimos duas zonas nitidamente diferenciadas: no Norte (Macondes, Lomués, Chirimas) usa-se o chamado «Holm-xilofon», *xilofone de teclas soltas* e sem corpos de ressonância, ao passo que no Sul (Chopes, Ndaus, Changanes e Tsuas) se usa o chamado «Tragbügelxilofon», que representa um elemento cultural de muita importância. É este último um *xilofone de teclas fixas*, amarradas entre si e dependuradas sobre uma tábua-eixo com corpos de ressonância por baixo (cabaças ou frutos de mato, *Strychnos spinosa*), providos de uma membrana nasalante. As extremida-

Fig. 3 — Os tambores em uso durante a dança do mapico, (Macondes)



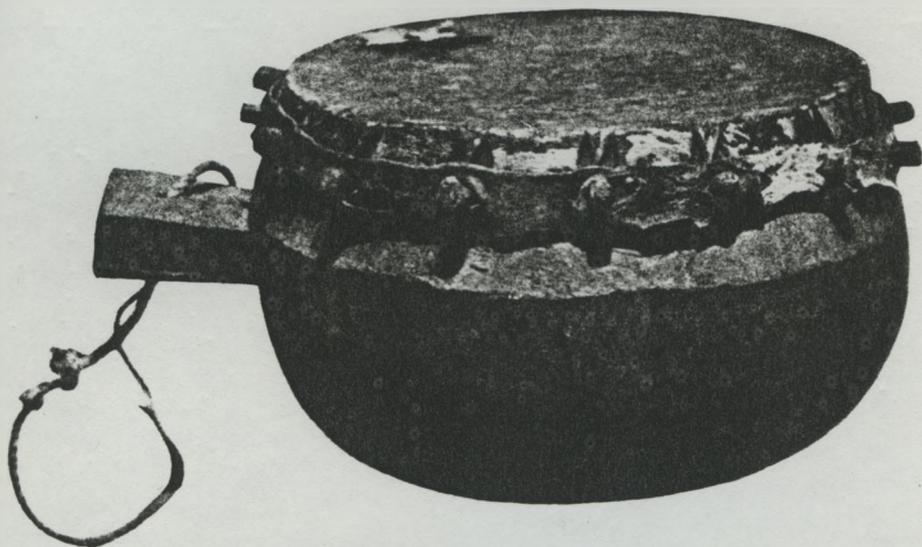


Fig. 4 — Tambor semi-esférico de Gaza, existente no Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa

des do eixo são ligadas por meio aro que — sendo o instrumento transportado — distancia o teclado do corpo do tocador (figs. 9 e 10). O *xilofone de teclas fixas* é principalmente tocado em grupos de oito a dezasseis instrumentos e às vezes mais, uma verdadeira orquestra, de cuja função falaremos mais adiante.

O *xilofone de teclas soltas* é tocado no Norte de Moçambique por dois homens, um de cada lado, e com dois pauzinhos. Os dois suportes das teclas, pedaços de tronco de bananeira ou papaeira, são cortados de fresco quando é preciso e só servem durante alguns dias (fig. 11). As teclas dos instrumentos são guardadas na aldeia, na casa dos homens, e quem quiser pode tocar. Temos também notícia de um *xilofone de gamela*, ao norte de Milange, tipo que se conheceu em África, até agora, só numa determinada região do Congo.

O outro grupo dos idiofones, musicalmente importante, é formado pelos lamelofones, em muitas partes de Moçambique chamados *mbira* ou *mbila* (zona central), e em outras com nomes diferentes (na Zambézia existem variantes de *kisansi*, nos Macondes e Macuas

chitatya, e na bibliografia europeia a designação de *sanse* ou *sanza*, etc). É um dos poucos instrumentos de origem inteiramente africana, e não existe em outras partes do mundo, a não ser na América do Sul, para onde os africanos o levaram.

Em cima de um suporte de madeira, de forma de *tábua*, *abano*, *caixa* ou *chocalho*, estão fixadas um certo número de lamelas de metal ou bambu, cujas extremidades livres são postas a vibrar dedilhando as com os polegares (e às vezes também com o indicador da mão direita), enquanto os dedos restantes seguram o suporte, que muitas vezes ainda está pousado sobre ou dentro de uma cabaça, que aumenta o som.

O tipo simples de *tábua* é típico das regiões do Norte (Macondes, Macuas e Lomués) (fig. 12). Na zona central, onde o instrumento tem a sua maior difusão e também elaboração, predomina o tipo de *chocalho*; é um bloco chato de madeira cuja metade inferior é escavada e frequentemente provida, na abertura, de anéis de metal enfiados num arame, ou de soalhas de vários materiais, fixadas em cima do bloco de suporte. O número

de lamelas nesta área é consideravelmente maior e da ordenação delas podemos tirar conclusões acerca de tipos e regiões (fig. 13).

Na Zambézia, onde se juntam influências de diferentes povos, encontram-se os mais diversos tipos.

Curioso é que o instrumento não aparece geralmente na zona sul do país, a não ser em alguns casos isolados nos Tsuas, ao sul do Save.

O tipo de *mbira* com suporte de *caixa*, muito espalhado em Angola e no Congo, não existe praticamente em Moçambique. Existem porém alguns exemplares do tipo *canoa* em museus, um dos quais foi há muitos anos importado do Tanganhica (fig. 14).

A primeira descrição do instrumento, sob o nome de *ambira*, encontra-se também na obra de Frei João dos Santos.

Instrumentos da classe dos *aerofones* são usados em todo o país. Além das formas simples de apitos, há flautas de bambu, *verticais* e *travessas*, em geral com poucos orifícios. Na região dos Changanes, Valengues e Chopes é muito usada a *flauta globular*, uma espécie de ocarina, feita de fruto de *Strychnos spinosa*, com o orifício de sopro e mais dois orifícios de notas. O instrumento é sempre tocado em duo, seja por duas raparigas, seja por dois rapazes. Os Chopes usam, também para este fim, o fruto de *Strychnos Gerrardi*, bastante mais pequeno (fig. 15).

Nos Chopes, neste povo rico de cultura musical, ouvimos um aerofone composto, uma combinação de *flauta globular* com *flauta vertical*. O fruto de *Strychnos Gerrardi*, com um orifício de sopro no topo, é ligado (com cera) ao tubo de bambu vertical com dois orifícios de notas. A corrente de ar que atravessa primeiro o espaço globular provoca um som tipo bordão.

Uma *flauta de Pã*, composta de oito tubos colados com resina, é assinalada só nos Chirimas, mas é provável que exista em muitos mais sítios. São de destacar os coros de flautas verticais e fechadas, de uma única nota, que ouvimos nos Chopes e cuja música tem uma graça especial.

Os *aerofones* de tipo *corneta* ou *trompeta* limitam-se, em Moçambique, principalmente aos chifres dos *antilopes-kuðu* e *antilopes-*

-sabre, os primeiros com a forma torcida e os segundos com a linha levemente curva. Conhecemos unicamente instrumentos com o orifício de sopro lateral.

Segundo Junod, antigamente exibiram-se estas cornetas em coro, e com certa importância social. Fr. João dos Santos também já os menciona.

Além destes, há apitos feitos dos chifres de pequenas gazelas ou cabras, de osso, e outros de material vegetal.

Um outro caso de instrumento composto é uma *tuba*, de 1 metro de comprimento, feita de uma cana de bambu ligada na extre-

Fig. 5 — Tambor bi-membranofónico, existente no Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa. É um belo exemplar e com «história»: um «Batuque de Guerra» oferecido pelo comandante da expedição contra os Regulos Mataca e Quamba. Os tambores de guerra são em geral instrumentos sagrados e só podiam ser conquistados porque nunca seriam vendidos. (Oferta de 25 de Junho de 1900 do ten. coronel M. de Sousa Machado.)



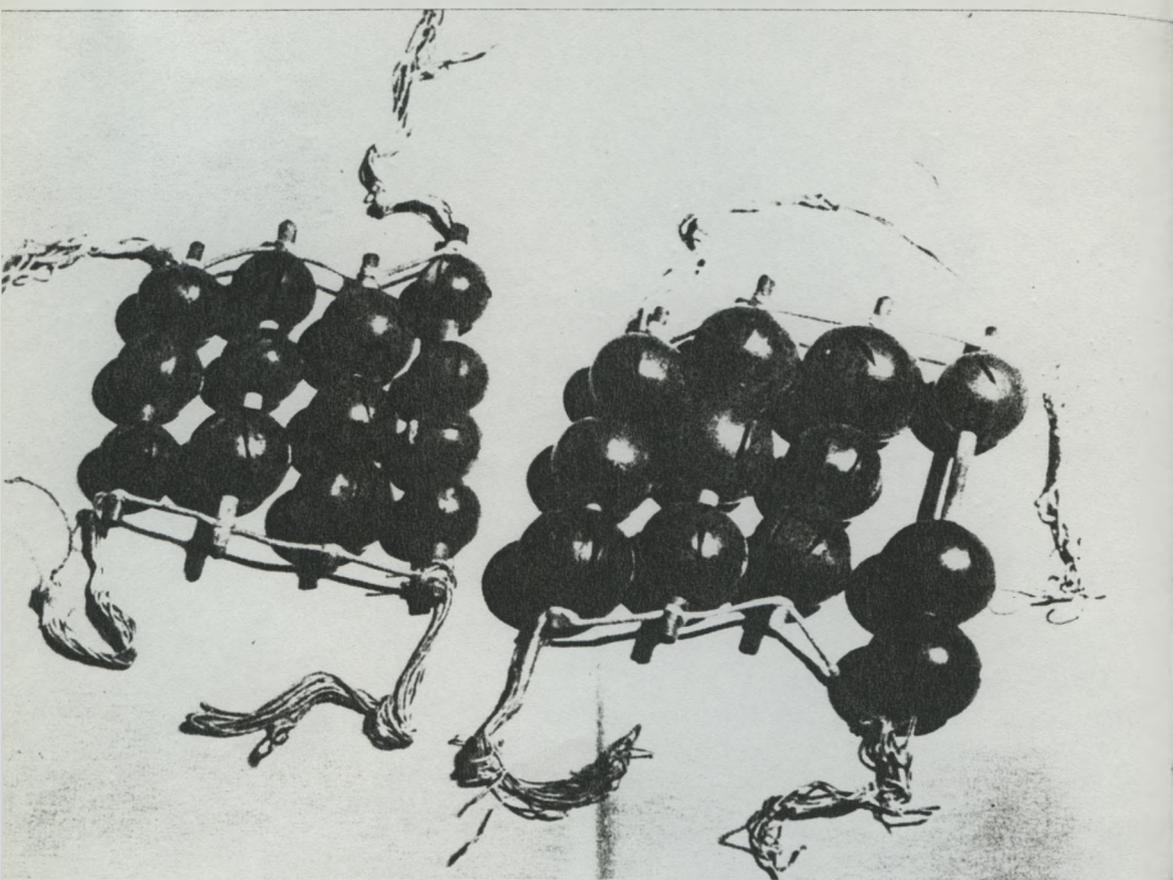


Fig. 6 — Maracas das pernas, feitas de frutos da mata e pequenas sementes dentro, que provocam o ruído, quando o dançarino move ritmicamente as pernas

midade inferior a uma concha de cabaça, fazendo de campânula.

Trompetas feitas só de cabaça, com orifício lateral de sopro na parte estreita e dobrada do fruto, encontraram-se até agora só nos Nianjas na margem do lago Niassa, onde foram usadas num coro dançante.

Finalmente, no que respeita aos instrumentos de corda, e deixando à parte casos isolados, como o *arco na terra* e os *arcos edólicos*, identificámos em Moçambique uns sete tipos de *arcos musicais*, mas acerca da sua difusão ainda não podemos dar indicações certas. O facto é que encontramos o arco musical ainda muito em voga no Sul do país, ao contrário do que sucedeu no extremo norte. Da Zambézia e da zona central conhecemos notícias extraídas da bibliografia e

exemplos nos museus. Esses tipos são: o *arco simples* (Zambézia, Beira e Tete), provido acessoriamente de uma chapa com soalhas; o *arco com um corpo de ressonância, de cabaça, atada numa extremidade*, e sem laço de afinação (Azimba, Tsonga); o *arco com cabaça ao meio* e com um a três laços de afinação (fig. 16) (sul do Save, Tsongas, Chopes e Valengues, e também nos Chirimas no Norte); o *arco de tala* com ressonância bucal e um laço de afinação (fig. 17) (na área ao sul do Save, especialmente dos Bitongas, Chopes e Changanés, mas também dos Chirimas e Azimbas, no Norte); e o *arco denteado* com ressonância bucal (Chopes e Valengues) (fig. 18). A parte denteada deste arco é friccionada com um pauzinho que tem ainda enfiada uma pequena maraca, diferentemente dos outros arcos, em que a corda é percutida com o dedo ou com uma palha. Há ainda alguns exemplos de *arcos compos-*

tos, feitos por um pedaço recto de cana e uma vara maleável metida de um lado (ou, nalguns casos, também de ambos os lados), que possibilita a tensão da corda.

As cordas dos arcos musicais são de material vegetal (uma tira de folha de palmeira ou um cordel de fibras torcidas) ou, em alguns casos, de arame, se este já estiver ao alcance dos interessados.

A música produzida nestes arcos é de certa maneira suave; a escala dos poucos tons básicos (1 a 3, ou 4) é frequentemente enriquecida com tons harmónicos, produzidos com virtuosidade pelas posições diferentes da cavidade da boca.

Aos instrumentos de corda pertence também a *cítara de tábua*, *mbangwe*, que parece existir só no Norte, entre os Macondes, Ajauas, Suailis, Chirimas e Azimbas, e que consta de uma tábua rectangular com pequenos orifícios ao longo dos lados mais curtos, através dos quais uma corda de arame passa sete e oito vezes de um lado a outro. As cordas são elevadas da superfície por pequenos cavaletes, que, ao mesmo tempo, regulam o comprimento da parte vibrante da corda, e com isso a sua afinação. O instrumento é geralmente metido numa meia cabaça, que funciona como corpo de ressonância. A maneira de produzir o som é tocando de rasgado o coro das cordas com o indicador da mão direita, enquanto os dedos estendidos da mão esquerda, mudando de posição, abafam o som das cordas não desejadas (fig. 19).

De *cítara tubular* conhecemos um caso nos Macondes, tocada por dois rapazes: uma cana de bambu deitada no chão, de cuja superfície se fendeu uma tirinha, sem a despegar, que faz de corda. Um rapaz percute esta com duas palhetas, ao mesmo tempo que o outro a gradua com a ajuda do gume de uma faca.

Parece-nos ter pouca importância a *cítara de pau redondo*, existente no Museu de Coimbra, oriunda da Zambézia. Muito mais interesse nos despertam os vários exemplares de *cítaras de pau achatado* e a *rabeça de vara* ou de *pau espetado*, cujas origens se devem

procurar, sem dúvida, na Índia, Pérsia e Ásia oriental, embora não possamos fixar a data do seu aparecimento em Moçambique, nem fazer ideia da importância do papel que o primeiro destes instrumentos representava nas nossas zonas. Os documentos mais anti-

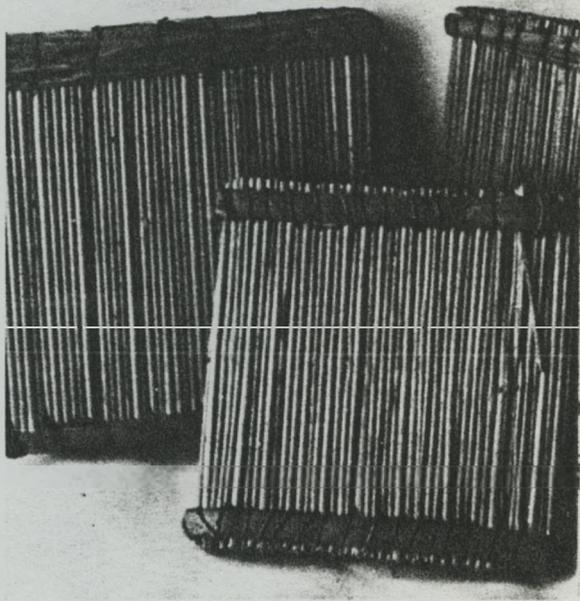
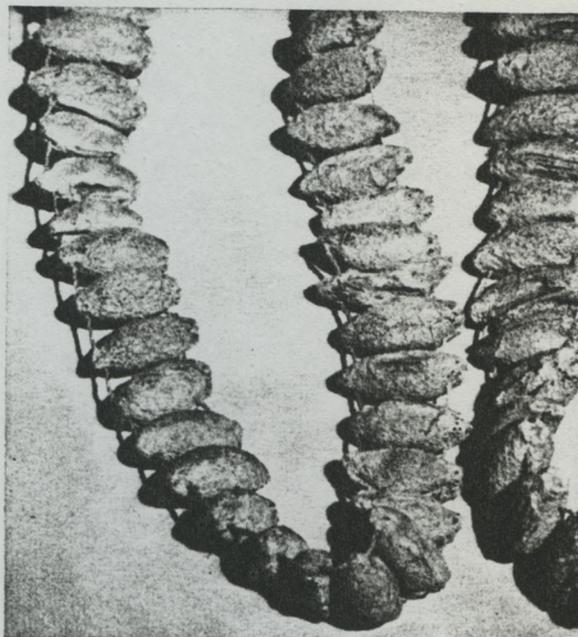


Fig. 7 — Espécie de rosario de maracas, feitas de casulos de insectos

Fig. 8 — Idiófone de «entrançado» de caules de copim ou junco, com pequenas sementes dentro. Muito usado para a dança nos Rangos

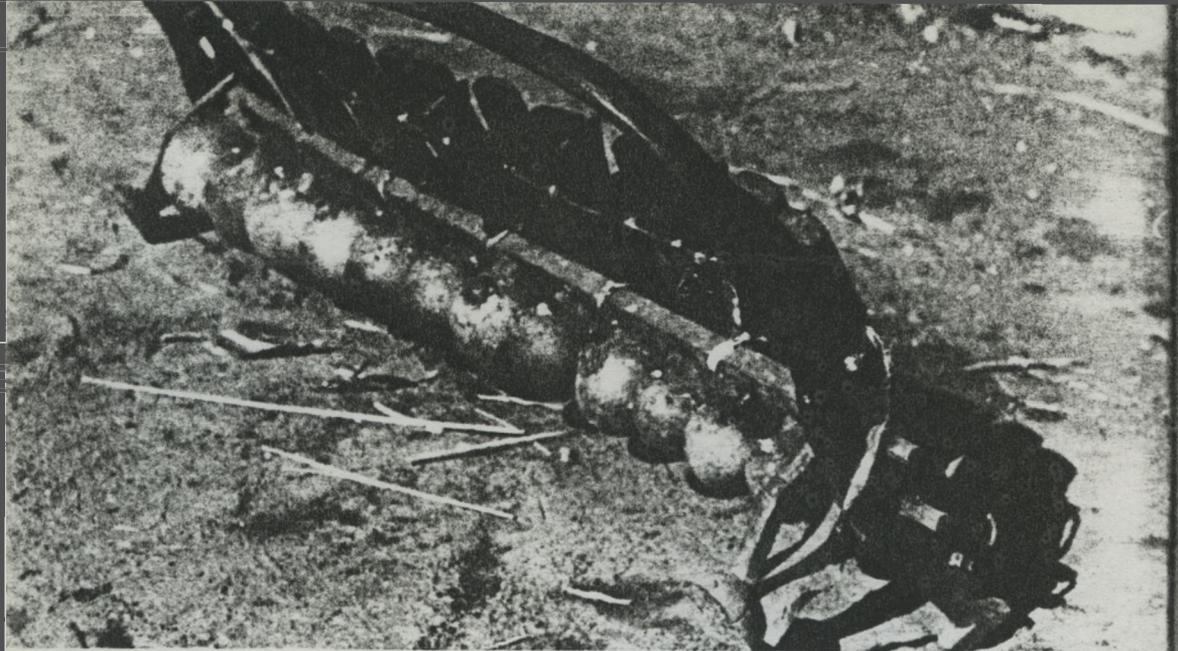


Fig. 9 — Xilofone de teclas fixas (Tregbelzixilofon) do régulo Gungwe, Gaza

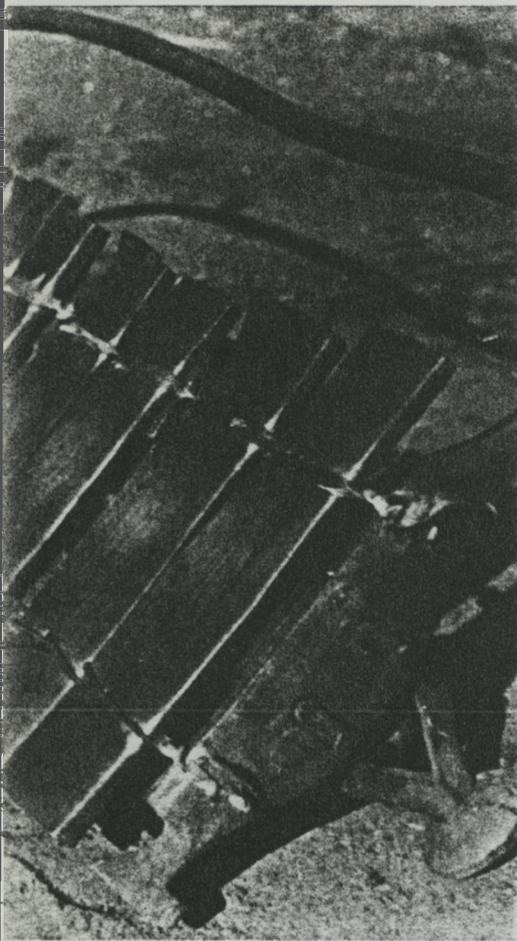


Fig. 10 — O mesmo visto por baixo. Os corpos de ressonância são feitos de frutas de *Strychnos spinosa*

gos não mencionam instrumentos de corda (Fr. João dos Santos e P.^o André Fernandes).

A *citara de pau achatado*, da qual, por enquanto, só temos exemplos nos museus, parece ter estado difundida, em Moçambique, principalmente no vale do Zambeze. Teve grande expansão no Congo Belga, nos povos luba, benalulua, etc., e também existia na África oriental, Uganda, Tanganhica. Podemos supor que o seu uso ao sul da costa não foi além do rio Save. O instrumento consiste num porta-cordas, um pau achatado de corte rectangular, cuja extremidade superior apresenta algumas saliências recortadas verticalmente, que devem ter servido como cavalete ou trastes. A corda é fixada deste lado numa espécie de botão no meio da ponta alargada do porta-cordas. Na outra extremidade, a corda passa igualmente sobre uma saliência recortada em forma de cavalete e está fixada na ponta do pau. Perto desta parte inferior tem um corpo de ressonância, uma calote de cabaça, amarrada por meio de um fio torcido, com a abertura para baixo. Geralmente, encaixa-se o porta-cordas num outro pedaço de cabaça, recortado em forma de gola e encavalitado na primeira cabaça. Desta maneira o conjunto fica mais firme.

As demais cítaras de pau achatado possuíam, além da corda principal, uma corda lateral que só vibrava simpaticamente. Um dos instrumentos moçambicanos tinha duas cordas principais e também duas cabaças de ressonância (fig. 20). Não encontramos o instrumento no mato e não temos na bibliografia moçambicana indicações sobre a maneira de o tocar. Segundo autores estrangeiros, a cítara de pau achatado era dedilhada com *plectrum*. Não sabemos se ela ainda hoje existe em uso em algum dos povos de Moçambique.

Finalmente, como último dos instrumentos de corda (que esse ainda existe), mencionamos a *rabeca de pau* ou *vara espetada*, que encontramos no Norte, nos Macondes e Ajaus, e da qual temos notícia nos Chirimas,

Maganjas, Lomuées, Chuabos, etc. A rabeca de pau espetado é tocada com um arco que fricciona a corda. O porta cordas é, geralmente, uma vara ou um pau de bambu, ou de outra qualidade, tendo numa extremidade uma cravelha natural ou artificial; a sua extremidade aposta é espetada através de um corpo de ressonância (um pequeno tambor fechado, feito de madeira ou de uma calote de casca de noz de coco e tapado por uma membrana de pele fina, de cobra, lagarto ou gazela pequena). A corda amarra-se à volta da cravelha e à ponta saliente do porta-cordas, depois de este ter atravessado o corpo de ressonância. Como corda, vimos usar tiras de folha de palmeira ou arame. O arco para friccionar a corda é um simples ramo, curvado por um feixe de fibras. O ins-

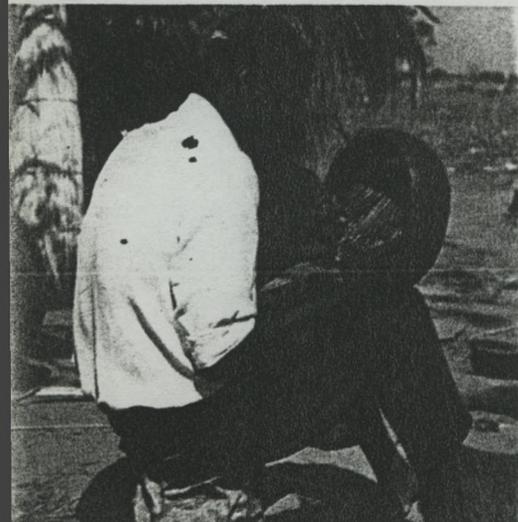


Fig. 11 — Xilofone de teclas soltas, dos Macondes



Fig 12 — Mbira maconde, chitalya, tipo tabua, fixada sobre uma cabeça ornamentada, como corpo de ressonância

Fig 13 — Mbira chana-caranga, tipo chocalho, (Gorongosa)



trumento é apoiado na anca do tocador e segurado por este com a mão esquerda perto da cravelha, premindo ao mesmo tempo a corda com dois ou três dedos para variar a afinação (fig. 21). É tocado só por homens, como aliás os demais instrumentos de música em Moçambique, com excepção de alguns tambores e da flauta globular.



Os instrumentos de música moçambicana são de facção e ornamentação menos ricas do que os de certos povos da costa ocidental.

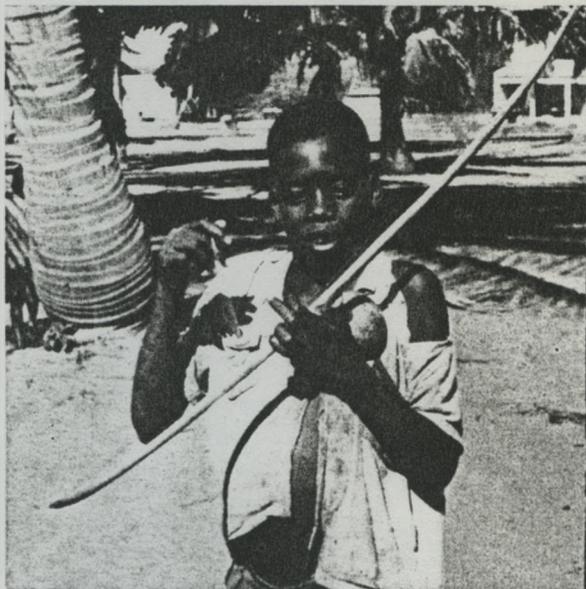


Fig 16 — Arco musical, chitende, dos Chopes, com um laço de afinação e a cabeça de ressonância encostada ao peito

Fig 14 — Mbirá, tipo canoa, existente no Museu da Sociedade de Geografia com a indicação «Sofala». Não nos parece provável que seja originária desta região, porque este tipo se encontra em geral só na região do Congo e Loango. Mas podia ter chegado pelo vale do Zambese, por acaso, até Moçambique

Fig 15 — Dois rapazes chopos de Bangusa, tocando — em duo — flautas globulares, feitas do fruto de *Strychnos Gerrardi*



Contudo, não dispensam de vez em quando motivos decorativos ou significativos sobre as superfícies de madeira. Além disso, a maneira como estão executados tecnicamente mostra que existe também nos Moçambicanos o sentido estético (por exemplo: um corpo de ressonância de cabaça, que por acaso rachou, foi consertado com pontos de «linha» de tiras de palmeira, que embora sejam funcionais revestem a aparência de uma ornamentação deliciosa).

Mas onde melhor se prova a capacidade artística dos Moçambicanos é no próprio campo musical. Em Moçambique algumas formas de música sobressaem acima do nível geral. O exemplo mais destacado são as orquestras de marimbas, elemento importante

da cultura chope (fig. 22). Não só a forma original (uma espécie de *suite* orquestral, *ngudo*, com 9 a 11 andamentos de carácter variado e tradicional, junto com um coro de homens cantante e dançante), como também a função social dentro do povo, são sinais de uma organização bastante evoluída e sábia. Os textos das partes cantadas podem ser considerados como uma espécie de consciência social que interpreta os acontecimentos públicos com imparcialidade e distribui ora críticas ora louvores, contribuindo desta maneira para um certo equilíbrio democrático da sociedade.

Outra forma musical extraordinariamente bonita é a do xilofone dos Macondes, dos Lomué e Chirimas — o xilofone de teclas soltas —, tocado como instrumento a solo, mas por dois tocadores, cujos motivos dife-

Fig. 17 — Arco musical, chipendani, das Chopes de Bangusa, tipo arco de tala com ressonância bucal e um laço de afinação

Fig. 18 — Arco musical, chivelane, tipo arco denteado de fricção (Chopes de Bangusa)





Fig 19 — Citaro tabular, mbangwe, dos Mocondes

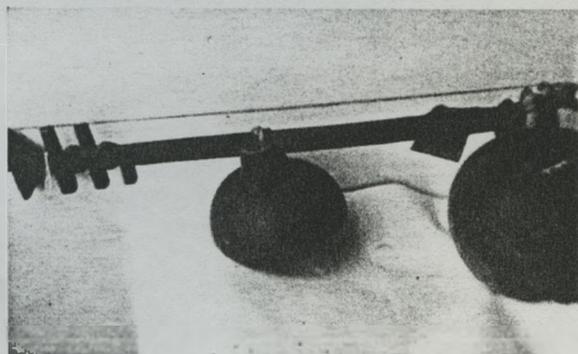
Fig 20 — Citaro de pau achatado, existente no Museu do Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, com a indicação «Inhambane»

rentes formam um autêntico contraponto elaborado.

A música dos tambores, com a sua admirável riqueza e execução rítmica, é inerente à maioria dos povos de África e bem conhecida de todos.

Os coros de flautas representam mais uma especialidade de certas etnias africanas, mas em Moçambique, segundo os nossos conhecimentos actuais, existem só nos Chopes (fig. 23) e dantes talvez também nos Macuas.

Os instrumentos de corda, como muitos aerofones e também o *mbira*, servem principalmente de passatempo e gosto de indivi-



duos, ou de acompanhamento dos músicos andantes, verdadeiros bardos, que cantam para entretenimento do povo. Como instrumento predilecto dos bardos serve, no Norte de Moçambique, principalmente a cítara de tábuas, *mbangwe*, e a rabeça de pau espetado,

enquanto no Sul usam de preferência o arco musical, *chitende*.

Já mencionámos os duos da flauta global, *chiguvihu*, dos Chopes e Valengues, que, com a sua forma também contrapontal, pertencem às mais apreciáveis criações da arte musical moçambicana e existem também em vizinhos fora das fronteiras.

Não se pode deixar ainda de dizer uma palavra sobre o canto, que — excepto nas canções de influência europeia através das escolas missionárias — toma quase sempre uma forma responsorial: uma voz começa, e a outra ou as outras entram, sendo rendidas em seguida outra vez pela primeira, que canta a ligação com o próximo verso, forma esta muito conhecida em África. Os motivos musicais dos cantos que ouvimos obedecem geralmente à lei do mínimo esforço, quer dizer: são melodias principalmente descendentes, não evitam paralelas de segunda, pelo menos no Norte, e a relação com a língua falada é estreita, seja no canto de conjunto, seja no campo individual.

Os dados referem-se à nossa própria experiência, à bibliografia — aliás escassa — e ao material encontrado em museus de Portugal. Lamentamos que nesta breve exposição não seja possível mostrar exemplos de todos os tipos de instrumentos de que falámos, nem mencionar em notas as fontes de tudo aquilo que juntámos aos nossos próprios conhecimentos. Contudo, esperamos ter dado uma ideia do instrumentário musical de Moçambique, ordenado em bases científicas.

RÉSUMÉ

Les instruments de musique du Mozambique

Dans cet article sont indiqués les principaux instruments de musique du Mozambique, groupés dans les catégories classiques de Curt Sachs et Hornbostel — membranophones, idiophones, aérophones et cordophones —, avec la mention des types génériques et la description plus détaillée de quelques instruments moins connus; leurs aires de distribution actuelle sont déterminées à travers l'expérience de l'auteur, les données bibliographiques et les espèces existant dans les musées portugais.

Comme introduction, quelques considérations sont faites sur les premiers moyens musicaux de l'homme: la voix, comme instrument mélodique, les mains et les pieds, comme instruments rythmiques.

On remarque l'absence de notices sur le tambour en bois en Moçambique, et la petite fréquence des tambours bi-membranophoniques, plus faible encore en ce qui concerne les tambours à friction. Parmi les idiophones, l'auteur donne une importance spéciale aux deux types principaux: les variantes du xylophone, et du lamelophone, mbira. Parmi les aérophones, se détachent comme instruments plus remarquables les flûtes globulaires et les ensembles de flûtes et trompettes. Parmi les

Fig. 23 — Care de flautas dos Chopes da Banquisa





Fig 22 — Marimbeiros de Bangusa. Chopes ▲

Fig 21 — Tocador maconda da viola de pou espetado, nkanyembe ►

cordophones, une grande variété d'arcs musicaux est indiquée, et aussi la cythare sur planche plate, la cythare sur batôn (qui semble n'être plus en usage) et la vièle monocorde.

Pour finir, on expose lès fonctions de certains instruments: instruments de passe-temps et instruments individuels, et quelques formes musicales: la suite orchestrale des Chopes, les formes contrapontales dans la musique des xilophones des peuples du Nord, et dans les duos de flûtes globulaires des Chopes; et finalement la façon responsoriale du chant de cette région en général.

